

CRISTO COMO MENSAGEIRO: IDENTIDADE E TEOLOGIA DO ANJO DO SENHOR

CHRIST AS MESSENGER:
IDENTITY AND THEOLOGY OF THE ANGEL OF THE LORD

Allan Breda¹
Acir Raymann²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo geral examinar as minúcias bíblicas que envolvem a pessoa do “Anjo do Senhor” com vistas a estabelecer a sua identidade e significado teológico mais fundamental. Estrategicamente, adotou-se a pesquisa bibliográfica como procedimento técnico de investigação. Por meio dela, confirmou-se que o Messias é quem melhor se destaca como candidato a portar esse título, principalmente ao ter a sua obra executada e concluída no Ser teantrópico Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, o supremo Apóstolo do Altíssimo para o mundo. Além disso, atestou-se que a igreja deve reter essa teologia com afinco, porquanto a sua confissão no Cristo, como Javé que vem dos céus para redimir definitivamente o seu povo, cuja obra foi prenunciada no Anjo do Senhor, é a pedra angular da esperança de salvação sobre a qual o cristianismo é levantado.

1 Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), 2019, Canoas, RS. Pós-Graduado em Teologia e Ministério Pastoral pela ULBRA (2021). Pastor em Porto Alegre, RS. Artigo de conclusão para obtenção da Habilitação ao Ministério Pastoral, Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS (2021).

2 Professor orientador. Bacharel em Teologia, Seminário Concórdia, Porto Alegre (1970). Mestre em Teologia do Antigo Testamento, Concordia Seminary, St. Louis, USA (1973). Doutor em Teologia Exegética do Antigo Testamento, Concordia Seminary, St. Louis, USA (1999). Professor de Teologia Exegética do Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS.

Palavras-chave: Anjo do Senhor. Identidade. Teologia. Filho de Deus.

Abstract: This paper aims to examine the biblical details that involve the person of the “Angel of the Lord” in order to establish his identity and most fundamental theological meaning. Strategically, bibliographic research was adopted as a technical investigation procedure. By its means it was confirmed that the Messiah is the one who best stands out as a candidate to bear this title, especially when having his work performed and completed in the theanthropic being of Jesus of Nazareth, the Son of God, the supreme Apostle of the Most High for the world. Furthermore, it was attested that the church must retain this theology with determination, since its confession in Christ, as Yahweh who comes from heaven to redeem his people endlessly, and whose work was foretold in the Angel of the Lord, is the hope cornerstone of salvation upon which Christianity is raised.

Keywords: Angel of the Lord. Identity. Theology. Son of God.

INTRODUÇÃO

À medida em que se estuda a Escritura Sagrada do Antigo Testamento, depara-se com a personagem misteriosa do “Anjo do SENHOR” (em hebraico, מַלְאָךְ יְהוָה), cuja primeira menção remonta a Gênesis 16.7, oportunidade em que ele aparece a Agar, serva de Sarai,³ esposa de Abrão, instando-a para que volte à sua senhora e não a tema; promete-lhe, ainda, uma numerosa descendência por meio do seu futuro filho, Ismael.

Mais adiante, quem vislumbra a fraseologia do versículo 11, “você está grávida e dará à luz um filho, a quem chamará Ismael, porque o SENHOR ouviu o seu grito de aflição”,⁴ naturalmente se lembra da revelação angélica a Zacarias, que lhe prometeu um filho com sua esposa Isabel (cf. Lc 1.11-

3 Tal como sustentam Dorn e Foreman (2020, p.24), “este fato, nele e dele mesmo, é digno de ponderação por um instante. Quão impactante é saber que a primeira aparição do Anjo do SENHOR se deu a uma serva-concubina, gentia e egípcia, uma escrava ostracizada que não compartilharia das bênçãos oriundas da aliança de Abraão! Quem é capaz disso? Quem faria a sua primeira e incontestável aparição dessa forma?”

4 Todas as citações da Escritura foram feitas com base na versão Nova Almeida Atualizada (NAA).

13), e para José, que pensava em deixar a sua noiva Maria, recentemente encontrada grávida pelo Espírito Santo, por medo de que a ela fosse feito algum mal; afinal, o filho não era dele (cf. Mt 1.18-24). Em ambos os casos, está-se diante de alguém denominado “anjo do Senhor” (em grego, ἄγγελος κυρίου, a mesma designação que a Septuaginta (LXX) trouxe para o referente hebraico. Questiona-se: trata-se, aqui, da mesma pessoa que esteve com Agar, ou outrem, apontada genericamente como “anjo”?

É interessante lembrar que tanto o hebraico quanto o grego bíblicos não fazem distinção entre letras maiúsculas ou minúsculas para substantivos simples ou nomes próprios e, conseqüentemente, não se pode afirmar, apenas com base nos manuscritos, se o sujeito angelical em comento é uma pessoa específica ou se deve ser compreendido como um título genérico para qualquer servo ou representante de Deus que venha a cumprir uma missão na terra.

É sabido, pelo ensino de Bird (2021, p.28), que a palavra “angel” (do inglês, “anjo”) significa “mensageiro”, “núncio”, “embaixador”, na Escritura, i.e., alguém que não discursa em próprio nome, mas daquele que o enviou; sendo o mensageiro “do SENHOR”, então, as suas palavras devem necessariamente refletir aquelas de Javé. Por outro lado, no Antigo Testamento, quando o Anjo do SENHOR fala, a sua mensagem tem origem nele mesmo; não se verifica, por exemplo, a comum alocação profética “assim diz o SENHOR”.⁵ Na mencionada passagem de Gênesis 16, no versículo 10, o Anjo afirma, em primeira pessoa do singular: “Aumentarei em muito a sua descendência, de maneira que, de tão numerosa, não poderá ser contada”. Em passagens imediatamente paralelas a esta, que envolvem promessa semelhante ao patriarca Abraão, quem arrazoia assim é o próprio Javé, sem intermediação: “Farei de você uma grande nação” (Gn 12.2); “Não tenha medo, Abrão, eu sou o seu escudo, e lhe darei uma grande recompensa” (Gn 15.1); “Estabelecerei uma aliança entre mim e você” (Gn 17.7).

Finestone (1938) e Vogel (1976) interpretam o Anjo como se referindo a Jesus, pré-encarnado.⁶ Há, no entanto, segundo López (2010), quem

5 A não ser em Juízes 6.7ss, quando o Anjo é expressamente apresentado como profeta, e, mais adiante, como Deus (cf. v.22). Ver-se-á mais adiante.

6 Vogel, 1976, p.106: “No entanto, o maior número de pais da igreja, Irineu, Cipriano, Crisóstomo, Eusébio, Hilário, Clemente de Alexandria e Teodoro, bem como a maioria dos dogmáticos

defenda – tal qual ele próprio – que o anjo não deve ser considerado divino, senão um súdito especial de Deus. Por isso, este trabalho se propõe a averiguar tais opiniões e, sem pretensão de ser exauriente, aferir a que melhor se aplica segundo as suas características bíblicas. Ao fim, demonstra-se a importância dessa proposição para a igreja.

DA IDENTIDADE E TEOLOGIA DO ANJO DO SENHOR

DAS ESCRITURAS BASILARES

Uma pesquisa simples em *software* bíblico demonstra que o endereço “Anjo do Senhor”, ou “Anjo de Deus”, alcança algumas dezenas de passagens no Antigo Testamento (robustamente no Pentateuco) e uma dúzia de citações no Novo (Em Mateus, Lucas e Atos).⁷

De imediato, convém destacar que os versículos neotestamentários que abarcam a nomenclatura não demonstram indícios de que os seres celestiais envolvidos em missões divinas – notadamente nas anunciações de Jesus e João Batista – sejam “teofanias”.⁸ Em Mateus, quando um “anjo do Senhor” apregoa, refere-se a Deus e a Jesus em terceira pessoa,⁹ e no relato da ressurreição (cf. 28.2) foi um com este cognome que removeu a pedra do sepulcro e se sentou sobre ela. Já em Lucas, é Gabriel quem tem esta alcunha (cf. 1.11,19,26). Ao comentar Atos 7.30, Lenski aduz:

[...] é o *Maleach Yahweh* que é mencionado sempre de novo no Antigo Testamento, **mas nunca [aparece] no Novo**; compare

luteranos ortodoxos, como Abraham Calov, em sua *Biblia Illustrata*, Johann Gerhard, em seus *Loci Theologici*, e Johann Quenstedt, em sua *Theologia Didactico-Polemica*, entendem que o Anjo do Senhor nessas passagens do Antigo Testamento é idêntico ao Logos do Novo Testamento, em outras palavras, é o Cristo pré-encarnado, uma manifestação da segunda Pessoa da Trindade antes de Sua encarnação”.

7 Simmers (2000, p.3): “A Concordância Exaustiva [*NKJV Exhaustive Concordance*] contém 68 alusões para este anjo: 56 no Antigo Testamento e 12 no Novo”.

8 Os anjos “do Senhor” que aparecem em Atos não são nomeados, tornando plausível a sua identificação com aquele do Antigo Testamento. Todavia, eles não causam o mesmo impacto atemorizante em quem os via tal qual o Mensageiro de Javé, com sua presença divina e gloriosa (cf. At 5.19; 8.26; 10.3; 12.7; 12.23; 27.23).

9 Jesus era chamado pelos apóstolos e demais cristãos de “Senhor” (κύριος, At 10.36: “[...] por meio de Jesus Cristo. Este é o Senhor de todos”), título de Deus, que, no contexto do Novo Testamento, poderia mesmo ensinar o sentido de “anjo de Jesus” para as ocorrências de “ἄγγελος κυρίου”.

Gn 22.11, etc., e 48.15, etc. A fim de se determinar com exatidão quem é o referente, todas as passagens que o aludem devem ser combinadas e comparadas. Assim, ele aparecerá como o *angelus increatus* e nunca como um anjo criado, embora alguns defendam a última opção. Outros anjos são sempre representantes de uma classe, enquanto este anjo é sempre a revelação específica e a personificação do próprio Deus (LENSKI, 1961, p.280, grifo nosso).

Todavia, é digno de nota que as características dos anjos relatados nos evangelhos e em Atos são semelhantes àquelas do Anjo do SENHOR veterotestamentário, a saber, na anunciação de filhos cuja gestação é miraculosa (Zacarias e Isabel eram idosos, bem como Abraão e Sara, e o que dizer sobre a concepção do Cristo pela Virgem Maria?); libertação de cativo (cf. At 5.19; 12.7,11); portação da glória de Deus (cf. Lc 2.9); execução de sentença de morte (cf. At 12.23); e, inclusive, identificação dele como “homem” (ἄνθρωπος, cf. At 10.30).

Nada obstante, a esmagadoríssima maioria das referências a “anjo” (מַלְאָךְ) no Antigo Testamento estão voltadas para o Anjo do SENHOR, ainda que as edições de bíblias em Língua Portuguesa por vezes não contemplem letras maiúsculas para designá-lo (e.g., na NAA, Dn 3.28; 6.22; Sl 34.7; Os 12.4). Se no Novo Testamento Deus se vale de “criaturas espirituais” para cumprir suas ordenanças, no Antigo isso está a cargo de um Mensageiro singular, a quem Malaquias (cf. 3.1) chama de “mensageiro da aliança” (מַלְאָךְ הַבְרִית) e Isaías (cf. 63.9) “Anjo da sua presença”, ou, literalmente, “Anjo-da-sua-Face” (מַלְאָךְ פְּנֵי).

Evidentemente, não é possível conferir todas as ocorrências escriturísticas para o Anjo do SENHOR e, portanto, torna-se imperioso analisar algumas daquelas que mais saltam aos olhos com vistas a atingir o propósito desta pesquisa.

Gênesis 22

Referência notória a ele está em Gênesis 22, uma das histórias capitais do cristianismo, quando Isaque foi quase sacrificado pelo seu pai, Abraão. Na iminência de perpetrar a ordenança divina (cf. 22.2,9-10), o patriarca foi surpreendido com o brado do Anjo, que lhe disse: “Não estenda a mão sobre o menino e não faça nada a ele, pois agora sei que você teme a Deus, porque não me negou o seu filho, o seu único filho” (Gn 22.12,

grifo nosso). Aqui se percebe a primeira pessoa do singular convalidando a ideia de que o sujeito angelical era o SENHOR. Este proporcionou o cor-deiro para ser o substituto de Isaque (cf. 22.13,14), naquele Monte Moriá em que posteriormente foi erigido o Templo de Jerusalém. Heiser (2015, p.136) observa que Abraão reconheceu a voz do Anjo: “Ele não questiona a identidade de quem falava consigo [...]. Tampouco teme estar ouvindo a voz de um outro deus”. Isso é interessante porque indicia a singularidade do Deus que abordava o homem ao longo da narrativa de Gênesis.

Êxodo 3

Talvez a mais emblemática de todas as passagens, o terceiro capítulo de Êxodo é chave para se entender a identidade do Anjo. Lá está escrito que ele apareceu “numa chama de fogo, no meio de uma sarça”, a Moisés (Êx 3.2).

Antes de qualquer coisa, “fogo” é sinônimo da presença de Deus (seja para destruir ou purificar por meio de sacrifício), afinal, foi uma coluna de fogo e uma nuvem que demonstraram a habitação de Javé junto aos israelitas no deserto (cf. Êx 13); no Monte Sinai (cf. Êx 19.18); no Tabernáculo (cf. Êx 40.38). Também foi fogo, da parte do SENHOR, que anteriormente havia destruído Sodoma e Gomorra (cf. Gn 19.24), ou que estava vinculado aos sacrifícios de Abel e Caim (cf. Gn 4), de Noé (cf. Gn 8 e 9), também de Abraão e Isaque (cf. Gn 22).

Moisés possivelmente conhecia essas histórias ao chegar perto da sarça que, surpreendentemente, não era consumida pelas chamas,¹⁰ até que recebeu a ordem: “Não se aproxime! Tire as sandálias dos pés, porque o lugar em que você está é terra santa” (Êx 3.5); também escutou enfaticamente: “Eu sou o Deus de seu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó”. Então, o SENHOR revelou a Moisés o seu plano libertador aos hebreus no Egito.

Êxodo 14

No ponto mais crítico da peregrinação do povo, que agora estava diante do Mar Vermelho, testemunhou-se a estupenda intervenção do Anjo

10 Foi Moisés quem escreveu: “Porque o SENHOR, o Deus de vocês, é fogo consumidor, é Deus zeloso” (Dt 4.24).

de Deus em favor daquela gente. Ele, que já havia libertado os israelitas do domínio de Faraó por meio das Dez Pragas (Êx 3.11-13.22), e que ia adiante deles, passou para trás e lhes serviu de escudo, protegendo-os dos egípcios (cf. Êx 14.19). Tendo ordenado o Anjo a Moisés que estendesse a mão sobre o mar (cf. 14.16), sucedeu que o poder do SENHOR levantou as águas como muros a fim de que os hebreus passassem a seco até o outro lado (cf. 14.22-23), e também destruiu, pelas mesmas águas, o exército inimigo que os seguia (cf. 14.24-28).

Gênesis 32 e Juízes 6 e 13

Desde Gênesis, o leitor da Bíblia sabe que ninguém pode ver a face do SENHOR e sobreviver. Essa teologia, ao que parece, era corrente entre os patriarcas. Jacó havia lutado com “um homem”¹¹ (cf. 32.24) e, ao perceber que este se tratava de Deus, e que ele ainda estava vivo mesmo depois tê-lo visto, comemorou, afirmando: “Vi Deus face a face, e a minha vida foi salva” (Gn 32.30). Além do mais, Moisés esculpiu essa teologia em Êxodo 33.20, ao registrar o comando divino: “Você não poderá ver a minha face, porque ninguém verá a minha face e viverá”. Isso é importante ao se comparar tais relatos com Juízes 6.22-23, onde Gideão aduz ter visto a face do Anjo do SENHOR e que, portanto, temia por sua vida. Ora, o juiz prontamente associou Javé ao Anjo, ratificando que os hebreus tinham ciência da sua origem divina: “Ai de mim, SENHOR Deus! Pois vi o Anjo do SENHOR face a face”. O Altíssimo lhe assegurou que ele não morreria e o consolou em seu medo. Gideão, por fim, percebeu que o Anjo verdadeiramente traz consigo “paz” aos que o recebem. Conforme a frase nominal hebraica, יהוה שָׁלוֹם, “o Senhor é Paz” (cf. Jz 6.24).

O livro de Juízes revela outra história fundamental para o escopo deste trabalho. No capítulo 13 se contempla o anúncio do nascimento de Sansão. O Anjo do SENHOR aparecera à mãe deste juiz, que era estéril, prometendo-lhe um filho (cf. 13.2-3). O detalhe é que a mulher o descreve para o seu marido, Manoá (que não estava presente), como se o sujeito fosse um “homem” (אִישׁ), mas que tinha a “aparência tremenda de um anjo de Deus”. Ato seguinte, Manoá orou a Javé para que lhes enviasse novamente o sujeito com o fito de dizer-lhes o que fazer com o menino

11 Esse “homem” era o Anjo, segundo Oseias 12.4.

que estava para nascer (cf. 13.8). Atendida a sua prece (cf. 13.9-14), o pai de Sansão pediu a ele que permanecesse para uma refeição (cf. 13.15), sem saber de que se tratava do Anjo do SENHOR; o qual respondeu que não poderia concedê-lo, instando-lhe que, em contrapartida, ofertasse o cabrito a Javé, em sacrifício (cf. 13.16). Logo, Manoá, ao perguntar ao “homem” o seu nome para “honrá-lo” (cf. 13.17), ouviu do Anjo: “Por que você pergunta pelo meu nome, **que é maravilhoso?**” (cf. 13.18, grifo nosso)¹² e, tendo oferecido o holocausto, ele e sua esposa o viram subir sobre a chama do altar em direção ao céu e imediatamente se prostraram com o rosto em terra porque, naquele instante, souberam que tinham estado, todo o tempo, diante de Deus (cf. 13.20-22). Atemorizado por sua vida, o pai de Sansão ouviu evangelho de sua mulher: “Se o SENHOR Deus quisesse nos matar, não teria aceitado de nossas mãos o holocausto e a oferta de cereais, nem nos teria mostrado tudo isso, nem nos teria revelado essas coisas” (cf. 13.23).¹³

Algumas outras passagens

O Anjo se mostrou também a Davi como “destruidor”, situação em que, inclusive, o rei o identificou como Deus (cf. 2Sm 24.16 e principalmente 17); apareceu a Elias (2Rs 1.3,15); feriu os assírios (cf. 2Rs 19.35; Is 37.36); salvou Sadraque, Mesaque e Abede-Nego da fornalha de Nabucodonosor (cf. Dn 3.28¹⁴); protegeu Daniel na cova dos leões (cf. Dn 6.22); foi profetizado por Zacarias como Deus (cf. Zc 12.8).

Ainda que a palavra “Anjo” não esteja sempre acompanhada do adjunto adnominal “do SENHOR”, é de se concluir que o contexto dessas

12 O termo מַלְאָכִים é conexo ao מַלְאָךְ, de Isaías 9.6 (grifo nosso): “[...] e o seu nome será: **Maravilhoso** Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”.

13 Ao discorrer sobre o fato de que muitos viram Javé e não pereceram, Gieschen (2004, p.115) sustenta: “Os textos do Antigo Testamento fornecem alguma assistência para o nosso entendimento deste fenômeno ao geralmente usarem um título distinto para a forma de YHWH que as pessoas veem: elas normalmente veem aquele que é rotulado de várias maneiras como o Anjo de YHWH, o Nome de YHWH, a Glória de YHWH, ou a Palavra de YHWH”. Lammert (2009, p.198) acrescenta: “Se a palavra de YHWH e YHWH representam dois tipos diferentes de mediação, então o anjo de YHWH poderia representar um terceiro tipo. É melhor, entretanto, entender essas variações como **títulos diferentes para a mesma mediação**, não como tipos diferentes de mediação” (grifo nosso). A seguir, ver-se-á que todos esses títulos se aplicam ao próprio Anjo.

14 Notar o vínculo dessa história com a da sarça, de Êxodo 3. O fogo não consome quem ou o que está debaixo da proteção do Anjo.

passagens o corrobora como o singular Mensageiro de Javé, pela autoridade que a Escritura lhe confere. Mais será explorado abaixo sobre isso.

DAS CARACTERÍSTICAS DO ANJO DO SENHOR

Passada a discussão propedêutica tangente aos textos bíblicos nucleares que mencionam o Anjo do SENHOR, é possível constatar uma série de atributos ligados a esta Pessoa, os quais servirão de paradigma com vistas a estabelecer a sua identidade e teologia.

O Anjo é Deus

É necessário vencer a dificuldade de que em vários momentos o SENHOR cita o Anjo em terceira pessoa. Por exemplo, em Daniel 3.28 e 6.22, afirma-se que “Deus enviou o seu anjo”; a mesma coisa acontece em Gênesis 24.7,40; Êxodo 23.20,23; 32.34; 33.2; Números 20.16; 1Crônicas 21.15; 2Crônicas 32.21.

Toma-se por base as passagens aludidas. Em Gênesis 24.7,40, Abraão rememora a promessa que recebeu de Javé (desde Gn 12) acerca da sua descendência, e que o “seu Anjo” estaria adiante do patriarca. Ocorre que, em 22.15,17, quem promete abençoar e multiplicar a descendência do homem é o próprio Mensageiro. Outrossim, em Êxodo 20.20-23 se diz que Javé envia aquele adiante dos israelitas para os guardar pelo caminho e os levar ao lugar prometido. Contudo, conforme Números 10.33-36, quem ia adiante dos israelitas era o SENHOR, por meio da Arca da Aliança, protegendo o povo debaixo da sua nuvem (cf., ainda, Nm 14.14; Dt 1.30-33). Igualmente, em Números 20.16 está escrito: “Clamamos ao SENHOR, e ele ouviu a nossa voz; mandou o Anjo e nos tirou do Egito”. Indaga-se: quem, segundo a última passagem, é o agente responsável pelo êxodo de Israel?

Vê-se, destarte, que é impossível dissociar a obra do Anjo com aquela de Deus. Além do mais, não é demasiado lembrar: fitar o Mensageiro sempre significou ver Javé para o povo. Esta é a lógica concernente à contenda: “Deus manda Deus executar a obra de Deus”, tão intrincada quanto a frase “disse o SENHOR ao meu Senhor”¹⁵ de Davi, no Salmo 110.

15 Tanto יהוה quanto אדני se aplicam a Deus na Escritura. E, ainda que se defenda diferença semântica entre “Adoni” e “Adonai” (este último que seria apenas sendo designado a Deus), lembra-se de que o hebraico não possui vogais (embora o Texto Massorético tenha trazido sinais vocálicos na BHS) e, desta forma, é impossível concluir, a não ser pelo contexto, que o referente não se trata de Javé.

Privilegiada foi Agar, rejeitada perante a sociedade, mas tão amada por Javé ao ponto de ser a primeira pessoa na Bíblia em que a sua história contemplou a aparição do Anjo (cf. Gn 16.7,9,11); que lhe acudiu em sua aflição e lhe deu alegria e esperança por meio de seu filho. Anotou Moisés no versículo 13: “Então Agar deu ao **SENHOR, que havia falado com ela**, o nome de ‘**Tu és o Deus que vê**’. Porque ela dizia: ‘Neste lugar eu olhei para Aquele que me vê!’” (grifo nosso).

O Anjo é “homem”

Ao menos em quatro trechos da Escritura o Anjo do SENHOR é expressamente caracterizado como “homem”. O primeiro deles é a luta de Jacó “com Deus”, que Oseias confirmou tratar-se do “Anjo” (cf. Os 12.4). Em Gênesis 32.24, registra-se: “Jacó ficou sozinho, e um homem (שׂרָפ) lutava com ele, até o romper do dia”. No versículo 28, aquele o abençoa e lhe diz: “Seu nome não será mais Jacó, e sim Israel, pois **você lutou com Deus** e com os homens e prevaleceu” (grifo nosso). Já a segunda passagem é Juizes 13, oportunidade em que a mãe e o pai de Sansão estiveram diante do Anjo e o identificaram como “homem” (שׂרָפ) nos versículos 6, 8, 10 e 11, e também como “Deus”, no versículo 22.

É aceitável que os relatos de Gênesis 18 e 19, quando três “homens” (שְׁרָפִים) apareceram a Abraão nos carvalhais de Manre, sendo que um deles era Javé,¹⁶ sejam usados como argumento para os propósitos deste subtópico, haja vista que a partir de 19.1 os “dois homens” que rumaram a Sodoma (Javé havia se retirado, conforme 18.33, conquanto isso não signifique que a destruição de Sodoma e Gomorra não seja obra sua [cf. Gn 19.24]) são agora descritos como “anjos”, que receberam o comando do SENHOR para destruir a cidade em que Ló estava (cf. 19.13).¹⁷ Dorn e Foreman (2020, p.55) ensinam: “Nós cremos que uma das razões que

16 Sabe-se de que se tratava do SENHOR não apenas por causa da extensa conversa de Abraão com Javé, em Gênesis 18.20-33, porém pela promessa feita a Sara por um daqueles “homens”, contemplada no v.10, e que foi cumprida em Gênesis 21.1 e 2: “O SENHOR visitou Sara, como tinha dito, e cumpriu o que havia prometido. Sara ficou grávida e deu à luz um filho a Abraão na sua velhice, no tempo determinado, **de que Deus lhe havia falado**” (grifo nosso).

17 “Contende-se no presente trabalho que Judas 5-7 concebe Jesus de tal forma [identificando-o como o Anjo do SENHOR que libertou o povo do Egito], pois não apenas isso, mas também a punição ao povo no deserto, o aprisionamento dos anjos caídos, e a destruição de Sodoma e Gomorra podem ser condutas atribuídas ao Anjo do Senhor” (FOSSUM, 1987, p.227).

levam as pessoas a não perceberem o Anjo no AT é porque algumas vezes ele é simplesmente designado como homem.”

Também Daniel 3. O profeta conta que na fornalha de Nabucodonosor, além de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, havia um quarto “homem” (ܐܢܫܐ, termo aramaico do referente hebraico אֱנוֹךְ, “homem forte, guerreiro”), cuja aparência, nas palavras peculiares do rei, era a de “um filho dos deuses” (em aramaico, ܕܢܝܘܢܐܝܐ, sendo que ܐܝܠܘܗܝܢ é um plural absoluto e também pode ser traduzido pelo singular “Deus”. Portanto, “Filho de Deus”).¹⁸ Mais adiante, Nabucodonosor apregoa: “Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, **que enviou o seu anjo e livrou os seus servos**” (Dn 3.28, grifo nosso). Ironicamente, ainda que pelo testemunho pagão, depreende-se que o Anjo é tanto “homem” quanto “Filho de Deus”!¹⁹

O Anjo porta o “Nome” de Deus

Os relatos da luta de Jacó com o Anjo e do aparecimento deste a Manoá e sua esposa estão conectados por outro detalhe pivotal: além de confirmarem o caráter “humano” do Mensageiro, em ambos, depara-se com o pedido de revelação do seu “nome” (ܐܫܡܐ). Manoá e Jacó receberam a mesma resposta dele: “Por que você pergunta pelo meu nome [que é maravilhoso]?” (cf. Gn 32.29; entre colchetes, Jz 13.18).²⁰ Coisa semelhante aconteceu com Moisés no episódio da sarça. Questionado o Anjo do SENHOR sobre o seu “nome”, ele asseverou: “EU SOU O QUE SOU” (cf. Êx 3.13-14). Por mais que se defenda que a construção frasal hebraica אֲנִי הָיָה אֲשֶׁר אֲהִי־הָיָה seja uma correspondência ao tetragrama YHWH, fato é que

18 A LXX traduz como ἀγγέλου θεοῦ.

19 “Haja vista que o próprio Antigo Testamento interpreta o quarto ‘homem’ na fornalha de Nabucodonosor como ‘o Filho de Deus’ (KJV-Dan. 3.25), a identificação do anjo-Cristo é corroborada” (SIMMERS, 2000, p.5). A expressão “filho de Deus” também pode se referir a anjos criados (cf. Jó 1.6). Aqui não se quer defender que Nabucodonosor, um politeísta, tenha confessado “puritanamente” ter presenciado uma cristofania, tal qual um cristão ortodoxo estaria pronto a defender. É francamente aceitável que o sentido original das palavras proferidas pelo rei fosse conforme a NAA, “filho dos deuses”, ou algum “servo” subalterno deles. Por outro lado, a ironia (também ambiguidade intencional) é recurso retórico de que o Espírito Santo se vale para, criativa e interessadamente, contar a história do Messias com revelações paulatinas e muitas vezes enigmáticas, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Sobre isso, vale a pena conferir os escritos de Rossow (1982) e Raabe (1991).

20 Se há dúvidas quanto à individualidade do Anjo, isso fortalece tal conclusão.

Deus tornou misterioso o seu “nome”,²¹ assegurando, no versículo seguinte, o que Moisés deveria dizer aos hebreus: “EU SOU me enviou a vocês”.

A teologia que está por trás do “Nome” de Deus é debatida há tempos. Muitos atribuem àquilo certo tipo de domínio sobre a pessoa. O nome é dado, por alguém, a algo que não existia antes, ou que está sob a gerência ou cuidado de outrem. É o que Adão fez com os animais em Gênesis 2.20; aliás, antes dele, é algo que Deus, o Criador, fez com o primeiro ser humano e este, por sua vez, com sua mulher (cf. 3.20). Quem poderia dar nome a Deus senão ele próprio, que sempre existiu? Considerando esta última asserção, “EU SOU O QUE SOU” (ou “EU SEREI O QUE SEREI”, por causa do imperfeito hebraico) não soa tão inusitado. Acrescente-se:

Como temos lembrado várias vezes, no Antigo Testamento nomes são muito importantes. Os nomes eram uma expressão do ser e do caráter de alguém. Eles dizem não apenas como identificar uma pessoa, mas como expressar as suas características, o que a destaca (cf. 1Sm 25.25). Conhecer o nome de alguém era o mesmo que conhecer a pessoa (cf. Sl 9.10). O nome de Deus se torna uma representação deste, quase como que uma personificação de Deus (DORN; FOREMAN, 2020, p.67).

A bem da verdade, o nome do SENHOR, além de confirmar a sua presença em determinado lugar ou pessoa,²² carrega a noção de resgate,²³ mormente ao se concentrar em Êxodo 6.2-3: “Deus falou a Moisés e lhe disse: – Eu sou o SENHOR. Apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó como o Deus Todo-Poderoso;²⁴ mas pelo meu nome, O SENHOR,²⁵ não lhes fui conhecido”,²⁶ e, no versículo 6, promete livrar os israelitas, por causa

21 Mesmo que somente por um pouco, pois no v.15 já é revelado o nome de Deus para Moisés: “Javé, o Deus de seus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó, me enviou a vocês”. Não é desvendado imediatamente por uma razão teológica obscura, que se imagina ter a ver com a dissociação do inconcebível Deus de Israel de qualquer divindade pagã, cujos nomes são inventados por pessoas.

22 “Deuteronômio tem muito a dizer sobre o Nome, especialmente com relação ao Nome que compreendida a factual presença de Deus que viria a residir no Tabernáculo, na cidade santa, e eventualmente no Templo” (HEISER, 2015, p.145).

23 Sl 54.1: “Ó Deus, salva-me, pelo teu nome”. Cf. Salmo 21.1,7.

24 Cf. Gn 17.1. אֱלֹהֵי שָׂרָי.

25 יהוה.

26 Abraão pronunciou o nome de Deus em Gênesis 22.14. Teria ele noção exata da profundidade

da aliança que havia estabelecido com seus antepassados (cf. v.5), da escravidão no Egito. Novamente, foi o Anjo-Javé quem salvou os hebreus. Conhecer a obra do Anjo é testificar que o Nome do Deus da Salvação estava consigo.²⁷

O Anjo porta a Palavra de Deus

O que é o “mensageiro” sem a sua “palavra”? Não obstante, o Anjo do SENHOR não se trata de um intérprete qualquer dos comandos verbais e autoritativos de Deus. Ele se apresenta como o próprio Javé, tendo o seu “verbo” origem nele mesmo, ao se valer da primeira pessoa do singular para externá-lo.

Vale ressaltar, novamente, que as teofanias aos patriarcas se davam por intermédio de um misterioso “Homem-Anjo”, que fazia promessas aos antigos; que lutou com um deles; que causou desolação aos ímpios e que serviu de braço forte ao guiar Israel em direção ao, durante a sua estada no, e para fora do Egito (cf. Gn 48.16). É como se Deus, ao desejar estar perto da humanidade, o fizesse por meio desse extraordinário Mensageiro, sublinhe-se, chamado de “Palavra de Deus” (דְּבַר־יְהוָה) em Gênesis 15.1.²⁸ Ora,

A locução “palavra do SENHOR” tem “palavra” como o seu sujeito, não “SENHOR”. Na sua forma mais básica, eliminando-se a locução preposicional, você fica com “a palavra veio a Abrão.” Segundo, perceba que se trata de “palavra”, *singular*, não do plural “palavras”. Terceiro, a “palavra” de fato começa a falar (DORN; FOREMAN, 2020, p.41).

Ainda sobre a Escritura supra, uma “palavra qualquer” não tem condições de mover-se senão por intermédio de um locutor. Todavia,

da teologia que saiu de sua boca naquele instante? Ao menos, o “livramento” do seu filho, do necessário sacrifício requisitado por Javé, ainda não havia acontecido.

27 O Anjo acampa ao redor dos que o temem para os livrar (cf. Gn 48.16; Sl 34.7).

28 “O fenômeno descrito parece começar com uma visão (15.1), então progride para uma manifestação que vem a Abrão para falar com ele, conduzindo-o para fora a fim de ver as estrelas (15.4-6), e daí se conclui com o pote fumegante de fogo e com a tocha acesa indo por entre os sacrifícios que Abrão havia preparado (15.7-21). Há uma boa razão para comparar esta teofania com aquelas envolvendo o anjo de YHWH em porções subsequentes do AT. Assim, a Palavra de YHWH pode ser considerada uma figura angelomórfica, especialmente por intérpretes posteriores no primeiro século EC” (GIESCHEN *apud* LAMMERT, 2009, p.199).

o “Verbo” não precisou da mediação de um nuncio; ele veio por conta própria porque subsiste em si mesmo. Ele tem qualidades de Deus; é “**a proteção (escudo) e a recompensa**” de Abrão (Gn 15.1, grifo nosso). Jacó, seu neto, que havia estado na presença do Anjo-Deus antes mesmo de lutar com ele (cf. Gn 31.11,13),²⁹ bendisse trinitariamente os filhos de José: “O Deus em cuja presença andaram meus pais Abraão e Isaque, o Deus que me sustentou durante a minha vida até este dia, e³⁰ **o Anjo que me tem livrado de todo mal, abençoe estes rapazes**” (Gn 48.15-16, grifo nosso).

O Mensageiro é apresentado aos hebreus, tal qual visto, como portador do Nome de Javé. Por consequência, a ele se deve obediência à sua voz, para ser cumprido tudo o que ele disser, para que o povo realmente venha a receber as promessas de Deus. Veja-se:

– Eis que eu envio um Anjo adiante de vocês, para que os guarde pelo caminho e os leve ao lugar que tenho preparado. **Deem atenção a ele e ouçam o que ele diz.** Não se rebelem contra ele, porque não perdoará a transgressão de vocês; pois **nele está o meu nome.** Mas, se vocês **ouvirem atentamente o que ele disser** e fizerem tudo o que eu ordeno, então serei inimigo dos que são inimigos de vocês e adversário dos que são adversários de vocês. Porque o meu Anjo irá adiante de vocês e os levará aos amorreus, aos heteus, aos ferezeus, aos cananeus, aos heveus e aos jebuseus; e eu os destruirei (Êxodo 23.20-23, grifo nosso).³¹

A íntima relação deste texto com Deuteronômio 18.1-19 é patente. Nesta passagem, está afiançado que Deus suscitaria um “Profeta” semelhante a Moisés, e todos deveriam lhe dar ouvidos a fim de que tivessem boa estada na Terra Prometida (diante de tantos inimigos, como os citados em Êx 23). Caso contrário, restaria a ameaça divina: “De todo aquele que

29 Para Abrão, Deus aparece em “visão”; para Jacó, “em sonho”; em ambos os casos, à noite (cf. Gn 15.5; 28.10,18). Há paralelo entre as passagens. Javé também veio a Israel em “visão” noutra oportunidade, conforme Gênesis 46.1, e se apresentou tal qual o Anjo o fizera aos demais patriarcas: “Eu sou o Deus de seus pais”.

30 O texto original hebraico não traz este conectivo, bem como o verbo יְבָרַךְ (“abençoe”) está no singular, de tal forma a versar: “O Deus... O Deus... O Anjo... abençoe”; não são três deuses ou três entidades divinas, mas um único que abençoa a descendência de Israel.

31 Ver, ainda, Êxodo 33.2,14-15. O Anjo é a “presença/face” de Javé.

não ouvir as **minhas palavras, que ele falar em meu nome**, disse lhe pedirei contas” (Dt 18.19, grifo nosso). A propósito, seria o misterioso homem-profeta³² enviado do SENHOR, mencionado em Juízes 6.7-10, o próprio Anjo (cf. v.11,16)? Conclui-se que sim, pelo testemunho de Juízes 2.1-5, onde as palavras do Mensageiro paralelizam aquelas do desconhecido profeta de 6.8-10, bem como são as mesmas de Javé, em 10.11-14.

O Anjo evoca a aliança sacrificial de Deus

Antes de tudo, vale anotar a profecia de Malaquias (3.1-4), onde Deus diz:

– Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim. **De repente, o Senhor³³, a quem vocês buscam, virá ao seu templo; e o mensageiro da aliança³⁴, a quem vocês desejam, eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos.** Mas quem poderá suportar o dia da sua vinda? E quem poderá subsistir quando ele aparecer? **Porque ele é como o fogo** do ourives e como o sabão dos lavandeiros. Ele se assentará como derretedor e purificador de prata. Purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e como prata. E eles trarão ao SENHOR as ofertas justas. **Então a oferta de Judá e de Jerusalém será agradável ao SENHOR, como nos dias da antiguidade e como nos primeiros anos** (grifo nosso).

Quanto ao primeiro “mensageiro” descrito por Malaquias, “que preparará o caminho”, não há dúvidas de que se trata de “Elias” (cf. Mt 11.7-10), advindo séculos mais tarde na pessoa de João Batista (cf. Mt 11.7-10), que formaria vereda para o Messias. Não obstante, o segundo “Anjo” no texto não é o mesmo daquele primeiro. O paralelismo hebraico, principalmente identificado nas frases “a quem vocês buscam” (o Senhor) e “a quem vocês desejam” (o Anjo) – que obviamente advogam o mesmo sentido e por isso estão relacionadas – demonstram que Deus está vindo ao seu templo através do Mensageiro da Aliança com o objetivo de tornar os sacrifícios de Judá e de Jerusalém agradáveis ao SENHOR (cf. 3.4).³⁵ A propósito, não se pode

32 איש נביא. Este “Homem-Profeta” depois apareceu aos pais de Sansão.

33 אדון.

34 מלאך הברית.

35 O nome do profeta “Malaquias” (מלאכי) se traduz do hebraico como “meu mensageiro/anjo”. Não é de se admirar que a teologia envolvida nesta Escritura gire em torno da promessa do envio

olvidar que o “templo” é o lugar próprio de imolação dos holocaustos,³⁶ no Santo dos Santos, a parte especial do santuário onde residia a Arca da Aliança e seu propiciatório, a tampa sagrada que encobria as tábuas da Lei sobre a qual era aspergido o sangue dos animais sacrificados a Javé, para expiação dos pecados do povo, sob o ofício do sumo sacerdote (cf. Êx 25); tampouco deve ser esquecido que o Mensageiro, ao ser caracterizado como “da Aliança”, evoca todos os encontros de Javé com os patriarcas nos quais estabeleceu com eles o pacto (o “corte”; כְּרִית) da Promessa por meio de sacrifício, a exemplo de Gênesis 15.1-21, com ênfase nos v.17-18: “Quando o sol se pôs e houve densas trevas, eis que um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo passaram entre aqueles pedaços dos animais. Naquele mesmo dia, o Senhor **fez aliança** com Abraão,³⁷ dizendo: – À sua descendência dei esta terra” (grifo nosso).

Ademais, há estreita afinidade entre o Anjo e a Arca do Sacrifício no contexto da peregrinação do povo no deserto. Não são raras as vezes em que a Escritura identifica que o Mensageiro de Javé foi enviado para “ir adiante” dos hebreus (cf. Êx 23.20,23; 33.2; Dt 1.30,33). Porém, é de se verificar que quem também ia à frente do povo era a Arca (cf. Nm 10.33; Js 3.6) e que, se na travessia do mar o Anjo proporcionou passagem livre para os israelitas (Êx 14.19,24),³⁸ foi aquela, por sua vez, que assegurou que as águas do Jordão se afastassem e formassem abertura para os hebreus atravessarem ao outro lado (cf. Js 4.7,11). De fato, no Sinai, Javé ordenou a Moisés a construção da Arca e lhe prometeu liderar Israel no ermo; garantiu que falaria com o homem de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins (cf. Êx 25.22). Ocorre que, segundo Estêvão, quem estava junto a Moisés no Sinai era o Anjo (cf. At 7.30,38); portanto, seria este quem comandaria aquele a partir da Arca da Aliança. Não dá para dissociar o objeto sagrado, e seu propiciatório, fundamental na Aliança de Sangue, do seu idealizador, o Anjo.

de João Batista, porém, mais importante, do Anjo da Aliança; do Senhor; do Sol da Justiça, que, curiosamente, é reportado como tendo “asas”, as quais trazem salvação (cf. Ml 4.2).

36 BREDA, Allan. **Tipologia do Templo**: A glória de Deus entre as pessoas por meio dos santuários do Antigo e Novo Testamentos. (Não publicado), 2019. TCC apresentado ao Bacharelado de Teologia da ULBRA, Canoas/RS.

37 כְּרִית יְהוָה אֶת־אַבְרָם בְּרִית (grifo nosso).

38 Notar que até este ponto na narrativa bíblica, nem a Arca, tampouco o Tabernáculo, tiveram as suas construções requisitadas.

É necessário aduzir, de igual modo, a presença ímpar do Mensageiro de Javé em contextos sacrificiais do povo de Deus. Em Gênesis 22 se conta o quase-sacrifício de Isaque por Abraão, impedido pelo Anjo, que lhe forneceu animal substituto para ser imolado naquele Monte Moriá, onde posteriormente veio a jazer o Templo de Salomão. Abraão, certamente aliviado ao ter tido o seu filho-da-promessa poupado, glorificou a Deus e nomeou o lugar de “O SENHOR PROVERÁ”. A Gideão, em Juízes 6, o Mensageiro prometeu livramento ao seu povo da opressão dos midianitas. O juiz, tendo pedido um sinal ao “homem” que falava consigo (porquanto ainda não sabia de que se tratava do Anjo, posto que este lhe falasse com a autoridade própria de Deus) para provar-lhe que a sua mensagem era divina (cf. v.15-17), tocou com seu cajado o holocausto trazido por Gideão, como que o homologasse, e dali desapareceu de sua presença (cf. v.21). O rapaz, impressionado com o que assistiu, temeu por sua vida ao ter sido confirmada a identidade do Anjo-Javé junto dele; contudo, Deus o poupou da morte. Coisa semelhante aconteceu mais tarde com os pais de Sansão, no capítulo 13. Como a passagem já foi esmiuçada, basta sublinhar a ascensão “maravilhosa” do Homem-Anjo ao céu por meio da chama do sacrifício de Manoá e sua mulher (cf. v.19-20), os quais também ficaram amedrontados com a possibilidade de morrerem ao terem visto o SENHOR. Só que o seu holocausto foi aceito e isso comprovou para eles que o Altíssimo lhes queria bem (cf. v.23), tal qual a Gideão.

Deveras, no que tange à Aliança de Sangue, o sistema cáltico do Antigo Testamento, o Anjo de Javé é personagem central e sempre presente.

Outros atributos do Anjo de Deus

Há tantas adjetivações relacionadas ao Mensageiro que discorrer sobre todas com a necessária deferência tornaria esta pesquisa enorme. Objetivamente, cita-se algumas:

a) *É a mão direita guerreira de Deus*: cf. Js 5.13-15, onde o Anjo,³⁹ o Príncipe do Exército do Senhor, é adorado por Josué,⁴⁰ e lutaria contra

39 A locução “Anjo do SENHOR” não aparece no livro de Josué, mas a sua teologia é sistematicamente evidente nele. “Leitores já puderam antecipar que o anjo em quem habita o nome de Yahweh, sendo sua presença, pode ser identificado com a figura misteriosa encontrada por Josué pouco antes das guerras de conquista. Eu estou de acordo” (HEISER, 2015, p.145).

40 Outro “anjo”, da parte de Javé, não aceitaria adoração (cf. Ap 19.10), tampouco teria a audácia

Jerico, cumprindo a profecia de Êxodo 23.20; ele também é Exterminador e executa a sentença condenatória de Deus: Êxodo 12.23; Números 22.23; 2Samuel 24.16,17; Salmo 35.5-6; Isaías 37.36; 1Coríntios 10.10; Hebreus 11.28. Nota-se que Anjo, em Números 22.23 e 1Crônicas 21.16, é visto como claramente carregando “uma espada na mão”, tal qual o Príncipe, de Josué 5.13;

b) *Maravilhoso*: cf. Juízes 13.18: o nome do Anjo é “maravilhoso”; a LXX chama o “Maravilhoso Conselheiro”, em Isaías 9.6, de “Anjo do Grande Conselho”, sabendo que o SENHOR DOS EXÉRCITOS é quem é “maravilhoso em conselho e grande em sabedoria”, segundo o mesmo profeta, em 28.29;

c) *Glorioso*: Êxodo 16.7,10 e 40.34 ensinam que a “glória” (כְבוֹד) de Deus era manifestada na nuvem e lá também estava o Anjo (cf. 14.19); em 24.16,17, no Sinai, igualmente em Levítico 9.23-24 e 2Crônicas 7.3, a “glória do SENHOR” era como “fogo consumidor”, tal qual no episódio sarça;⁴¹ ainda, a Arca da Aliança foi chamada de “glória de Israel” em 1Samuel 4.21,22, e bem se sabe da sua íntima afinidade com o Anjo no que se refere à teologia sacrificial do Antigo Testamento;

d) *É Deus, mas “diferente” de Deus*: Talvez a mais polêmica característica do Anjo – e passível, certamente, de muita pesquisa e trabalhos acadêmicos –,⁴² o Mensageiro de Javé é reportado como sendo um “enviado” do SENHOR; também é chamado de “meu Anjo” (cf. Êx 23.23; 32.34). Isso, como dito acima, indica que se trata de outra Pessoa além de Deus. A mesma coisa acontece com o Espírito Santo no Antigo Testamento, que estava na criação do universo (cf. Gn 1.2); que é chamado de “meu Espírito” por Javé (cf. Gn 6.3; Is 42.1; 44.3; 59.21); que é claramente enviado por ele (cf. Êx 31.3; Nm 11.17,25,26,29; Sl 104.30), mas que também é “um” com o SENHOR (cf. Ne 9.30,32; Jó 33.4; Sl 106.33; Sl 139.7; Is 34.16; 40.13; 59.19).

de repetir as palavras do Mensageiro a Moisés, em Êxodo 3.5.

41 Embora esta não fosse consumida, afinal, não se tratava de um sacrifício. Entretanto, o Anjo da Aliança queimava os holocaustos com seu “fogo”, sinal da sua presença.

42 Não convém, neste trabalho, ampliar este subtópico, porque o seu público-alvo é gente que confessa e adora a Santíssima Trindade e, dessarte, não se surpreende com um monoteísmo que cultua três Pessoas divinas.

DA CONFIRMAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DO ANJO DO SENHOR NA PESSOA DE JESUS DE NAZARÉ, O CRISTO

Quando se pensa no termo “Messias”,⁴³ por certo, “enviar” é um dos verbos que mais está associado a ele nas mentes das pessoas. Acontece que, no Antigo Testamento, שָׁלַח (i.e., “enviar”) nunca é usado para expressamente referir-se àquele, até porque, frisa-se, esse sujeito único, que evocava a crescente esperança dos israelitas no socorro de Javé contra os seus inimigos, não tem a sua identidade aclarada no Antigo Testamento,⁴⁴ podendo ser tanto um rei quanto um sacerdote ou profeta, ou um conjunto dos três.⁴⁵ Todavia, o Anjo, como o seu próprio nome denota, foi reportado como “enviado” de Deus muitas vezes na Bíblia⁴⁶ até que, finalmente, o seu nome se tornou conhecido por Israel: “Jesus”,⁴⁷ o Ungido Príncipe de Deus que seria morto, conforme a profecia de Daniel (cf. 9.25-26).

Se o mediador dos dois testamentos não é o mesmo em nome, forma, e substância, então a unidade dos testamentos está quebrada. Se as angelofanias não são cristofanias, então o redentor não é o mesmo. Quando se aceita que o mediador é o mesmo, nosso depósito de dados históricos acerca do Cristo encarnado encontrado nos Evangelhos redundava em ricos blocos de materiais do Antigo Testamento (SIMMERS, 2000, p.5).

43 O hebraico “messias” (מָשִׁיחַ) foi traduzido para o grego como “cristo” (χριστός). Ambos significam “ungido”.

44 “Embora teólogos usem o rótulo ‘Cristologia’ para tratar do ensino bíblico sobre o Filho, os exegetas encontram desafios ao usar esta designação para o Filho no Antigo Testamento, porquanto é um título anacrônico: o Filho, de fato, não é ‘o Cristo’ até que se torne encarnado” (GIESCHEN, 2004, p.109).

45 Os três eram ungidos com óleo para oficializar a sua tarefa junto ao povo (cf. Lv 6.20; 1Cr 14.8; Is 61.1; 1Cr 16.22; Sl 105.15).

46 Cf. Êxodo 23.20; 1Crônicas 21.15; 2Crônicas 32.21; Daniel 3.28; 6.22; Malaquias 3.1.

47 Judas 5 (grifo nosso): “Embora vocês já estejam cientes de tudo de uma vez por todas, quero lembrar-lhes que **Jesus, tendo libertado um povo, tirando-o da terra do Egito**, destruiu, depois, os que não creram.” Ainda, o testemunho de Paulo aos gálatas: “Pelo contrário, me receberam **como anjo de Deus, como o próprio Cristo Jesus**” (Gl 4.14, grifo nosso). O que levou este apóstolo a paralelizar ἄγγελον θεοῦ com o Senhor? Isso não parece coincidência ou coisa de pouca monta, inclusive ao se levar em consideração a hospitalidade dos Gálatas (cf. v.15) comparada àquela de Abraão, em Gênesis 18.

Ao introduzir o subtópico “The Lord’s Messenger” (“O Mensageiro do Senhor”), no capítulo dois de sua obra, Bird assevera que o Anjo

[...] fala por Deus, mas também como Deus. Ele é distinto de Yahweh, mas é também chamado Yahweh. Eruditos algumas vezes se referem a este fenômeno como “monoteísmo complexo”. Para os cristãos, isso não é nada mais que o jeito de o AT descrever a relação entre o Pai e o seu Filho como “Deus de Deus, Luz de Luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus” (BIRD, 2021, p.26).

Por conseguinte, dada a estreiteza de relações semântico-teológicas entre o Mensageiro e o Messias (este especialmente designado como Servo de Javé por Isaías), como se o primeiro fosse a personificação do outro⁴⁸ antes da sua encarnação, importa marcar que as características daqueles foram, finalmente, concretizadas no *theanthropos* de Nazaré, como se verá abaixo.

Jesus, o Messias, é o Deus-Homem enviado ao mundo por Javé

“Portanto, o Senhor (יְהוָה) mesmo lhes dará um sinal: eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel (עִמָּנוּאֵל)” (Is 7.14).⁴⁹ Mateus registra que Jesus é quem deve ser identificado como o “Emanuel” (cf. Mt 1.21-25) e que ele é o Cristo (Ungido), o Guia que apascentaria Israel; o Rei prometido desde a eternidade (cf. Mt 2.4-6; Mq 5.2). Pedro ratifica isso anos mais tarde: “O senhor é o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16.16). Hipólito, pai da igreja, apregoa:

Quem era este anjo que foi revelado na fornalha e preservou os garotos como se fossem seus filhos sob os seus braços encobertos ... Não me deixe enganar, não se tratava de outra pessoa, mas aquele mesmo que julgou os egípcios com água ... Foi este que recebeu, do Pai, autoridade para julgar. Aquele que fez chover fogo e retribuição

48 Em quais oportunidades, na Escritura do Antigo Testamento, se pode afirmar que Javé apareceu visivelmente na terra, em teofanias, senão quando tomou a forma humana por meio do seu Mensageiro? E de que maneira Deus vem ao mundo para o livrar senão por meio do Messias prometido, o Servo de Isaías 53? Gieschen (2004, p.109): “O Deus, portanto, que é ouvido e visto no Antigo Testamento, após a queda no Éden, é o Filho, que é a ‘imagem visível do Deus invisível’” (Cl 1.15).
49 O nome do Ser gerado é literalmente “Deus-Está-Conosco”.

divina sobre os sodomitas, e os destruiu em face da sua iniquidade e impiedade malvada. E Ezequiel concorda com isto [Ez 10.2, 6-7] ... No que tange a isso, Isaías diz: **“E seu nome será chamado Anjo de Grande Conselho”** (Is 9.6 LXX). Pois a Escritura também o assemelha a um anjo de Deus. **Porquanto foi ele próprio que nos reportou os mistérios do Pai** ... [Nabucodonosor] chamou o nome dos três, mas ele não conseguiu declarar o nome do quarto. Porque Jesus ainda não havia nascido da virgem (HIPÓLITO *apud* DORN; FOREMAN, 2020, p.58, grifo nosso).

Jesus é quem desceu do céu para reportar os mistérios do Pai ao mundo (cf. Jo 3.13; 6.51; 17.8; Ef 4.10), e por “mistérios” se deve entender o plano de Deus – inescrutável, a não ser por quem estava junto a ele no mais alto Conselho Divino – de decidir resgatar a humanidade caída em pecado pela intervenção graciosa da cruz, a consumação da Aliança de Sangue (cf. Jo 19.30) tantas vezes supervisionada pelo Anjo do SENHOR no Tabernáculo e no Templo de Jerusalém; plano esse desvendado⁵⁰ aos homens por meio do Filho, que estava junto a Javé, porque é “um” com o Pai (cf. Jo 10.30; 14.7-9,11).

Jesus, o Messias, porta o “Nome” de Deus

Jesus, na iminência de ser entregue ao sumo-sacerdote para ser sacrificado (cf. Jo 18.13) pelo povo (cf. 18.14), conforme a prescrição da Aliança de Sangue para o Dia da Expição (cf. Lv 16),⁵¹ ora ao Pai, dizendo: “Manifestei o teu nome àqueles que me deste do mundo” (Jo 17.6; cf. 17.26). Pedro, por sua vez, ensinou: “[...] porque debaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (At 4.12). Gabriel, ao anunciar que o fruto do ventre de Maria se tratava do Filho de Deus, gerado pelo Espírito Santo, disse para José: “Ela dará à luz um filho e você porá nele o nome de **Jesus, porque**

50 Em Mateus 27.51 está escrito que o véu do Templo, que cobria o Santo dos Santos, foi rasgado, expondo o Lugar Santíssimo para sempre, haja vista que este local deixou de ter importância na Aliança após a epifania da cruz.

51 Embora Jesus seja o verdadeiro “Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão” (Hb 3.1), responsável pelo sacrifício do seu corpo e derramamento do seu sangue, mesmo aos olhos das pessoas que testemunharam aquela última Páscoa do Antigo Testamento, a Lei quanto ao holocausto estava sendo observada, ainda que “nas entrelinhas”.

ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mt 1.21, grifo nosso)⁵² e também disse para Maria que “Deus, o Senhor, lhe dará [a Jesus] o trono de Davi, seu pai” (Lc 1.32), cumprindo-se a profecia de Isaías 9, quando o Filho, o Ungido-Rei, da linhagem de Davi, cujo nome é “Deus Forte”, foi prometido para dar luz aos que, apesar de “viverem”, estavam na “sombra da morte” (cf. Mt 4.14-17).

Anteriormente foi versado que malgrado os patriarcas houvessem pronunciado o nome de “Javé”, não lhes poderia ter sido claro o seu sentido teológico mais profundo, a saber, “Salvador”, pela garantia de Êxodo 6.3-8, situação em que o SENHOR prometeu revelar-se como aquele que libertaria o seu povo da escravidão egípcia. A corroborar as palavras do Altíssimo, Moisés, em Êxodo 14.13-14, profetizou aos hebreus ante o mar (o momento decisivo e terminante do resgate): “Não tenham medo; fiquem firmes e vejam o livramento que o SENHOR lhes fará no dia de hoje” (וַיֹּאמֶר יְהוָה אֶל-מֹשֶׁה וְאֶל-בְּנֵי-יִשְׂרָאֵל). É interessante perceber que deste texto hebraico se depreende o nome de “Jesus” (“livramento”) expressamente, como se Moisés ensinasse à nação: “testemunhe, ó Israel, o que quer dizer ‘Jesus’ na prática”.⁵³ Em todo caso, a travessia só foi possível depois que o Anjo de Deus passou para trás do povo, juntamente com a nuvem (cf. Êx 14.19-21). A salvo, aquela gente exclamou em louvor: “O SENHOR é a minha força e o meu cântico; **ele se tornou a minha salvação**. Este é o meu Deus; portanto, eu o louvarei. [...] O SENHOR é homem de guerra; **SENHOR é o seu nome**” (Êx 15.2,3, grifos nossos).

Por fim, Moisés, quando perguntou o nome do Anjo na sarça, ouviu-o de Deus: “EU SOU O QUE SOU”, ou, simplesmente, “EU SOU” (cf. Êx 3.14. LXX: ἐγὼ εἰμι ὁ ὄν). Em João 8 se admitiu, da boca do próprio Cristo, a sua divindade, quando apregoou: “Em verdade, em verdade lhes digo que, antes que Abraão existisse, EU SOU (ἐγὼ εἰμί)”, coisa que levou os judeus a pegarem em pedras para atirarem nele diante da “flagrante blasfêmia”, em razão de Jesus ter se identificado como Javé, conforme Finestone (1938, p.376).

52 “Jesus” (ou “Josué”, יהושע) significa “Javé é salvação”. Em Gênesis 49.18, Jacó profetiza: “A tua salvação (ישועה), sem a partícula prepositiva e o sufixo se tem apenas (לְיִשׁוּעָה) espero, ó SENHOR”. É como se o patriarca dissesse: “O teu ‘Jesus’ espero, ó Javé”. Aliás, não custa lembrar: foi יהושע, e não Moisés, quem liderou o povo a entrar na Terra Prometida. A LXX translitera “Josué” como Ἰησοῦς. 53 Insiste-se: tudo dentro do contexto de “salvação” que daria razão ao nome de “Javé”.

Jesus, o Messias, é a “Palavra” de Deus

O evangelista escreve: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. [...] E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.1,14). E o autor de Hebreus fortalece:

Antigamente, Deus falou, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, mas, nestes últimos dias, **nos falou pelo Filho**, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e pelo qual também fez o universo. O Filho, que é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu Ser, **sustentando todas as coisas pela sua palavra poderosa** (Hebreus 1.1-3, grifo nosso).

Jesus não é somente a Palavra como também é o Apóstolo⁵⁴ de Deus (cf. Hb 3.1), tal qual o Anjo o fora no Antigo Testamento, para dar testemunho das obras misericordiosas do Altíssimo em favor da humanidade (cf. Jo 5.36). O testemunho do Mensageiro-Jesus é a verdade (cf. Jo 8.14) porque as suas palavras são aquelas do Pai (cf. Jo 8.26-27), e transmitem o sentido pleno do Nome do SENHOR, por meio do seu sangue: “Os seus olhos são como **chama de fogo**; na cabeça dele há muitos diademas; tem um **nome** escrito que ninguém conhece, a não ser ele mesmo. Está vestido com um **manto encharcado de sangue**, e o seu nome é **Verbo de Deus**” (Ap 19.12-13, grifo nosso).

Jesus, o Messias-Anjo, é o brilho da essência, do poder e do sacrifício de Deus

O Ungido de Javé, o Filho do Homem, “não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.28). Daniel prenunciou a morte do Cristo (cf. 9.26); Isaías escreveu acerca do sofrimento expiatório do Servo no capítulo 53, que se sabe aplicar-se a Jesus pelo testemunho de Mateus (cf. 8.15-17) e de Filipe (cf. At 8.32,35). O Anjo da Aliança, de acordo com Malaquias 3.1, “viria a seu templo”. De fato, ele veio e habitou (ἐσκήνωσεν: “tabernaculizou”) em carne, no Santuário do seu corpo, trazendo consigo a glória de Deus (cf. Jo 1.14; 2.21), cujo fulgor é aquele da cruz (cf. Jo 12.16,23-24).

54 “Apóstolo” (ἀπόστολος) quer dizer “enviado”.

No que tange à questão da “face” (פָּנָיִם) de Deus, tão presente em contextos de sacrifício no Antigo Testamento, e que gerou temor de morte aos que a viram, Isaías (cf. 63.9) traz à baila o Mensageiro de Javé, chamando-o de “Anjo-da-sua-Face” (מַלְאָכִי פָּנָיִם). Ora, alguém pode defender que personagens bíblicas (Jacó, Moisés, Gideão, Manoá) estiveram na “presença” do SENHOR de um jeito “escondido” (“de costas”, segundo o próprio mandamento de Deus, em Êxodo 33.20, ou com “um véu” sobre o rosto, em 34.33-35), caso contrário, deveriam ter morrido.⁵⁵ Este silogismo, todavia, não se sustenta pela própria Escritura, porquanto todos realmente viram a Javé (e certamente seu “rosto”), só que através do seu Anjo e, por isso, não morreram. A aparente contradição de Êxodo 33.11 (cf. Dt 34.10) e 33.20 deve ser entendida à luz da teologia do Anjo⁵⁶ e do que ele proporciona à humanidade: ver Deus, falar com ele, testemunhar a sua glória, sem ser destruído por esta. “Eles tinham visto a Deus na aparência velada da Segunda Pessoa, que estava lhes dando uma prova antecipada do tipo de salvação que eles precisavam” (DORN; FOREMAN, 2020, p.114); “Eles não morreriam pois o mensageiro era o jeito de Deus se fazer visível sem dizimar quem olhava para ele” (BIRD, 2021, p.30). Outrossim, conquanto ninguém jamais tenha visto a Deus, o Deus unigênito, que está junto do Pai, o revelou para as pessoas (cf. Jo 1.18). Deveriam Maria e José, os pastores e magos do Oriente, os apóstolos, as mais de quinhentas testemunhas da sua ressurreição, e tanto outros perecerem por terem visto inquestionavelmente “a face de Deus”, “a expressão exata do seu Ser” (Hb 1.3), desde a sua infância até a sua ascensão?⁵⁷

55 Malone (2011, p.309), ao criticar artigo de López (2010), por este defender que o Anjo não poderia ser Deus em vista da sobrevivência das pessoas que o viram, sustenta: “Nisto ele é mais circunspecto do que aqueles que simplesmente assumem que Deus não pode ser visto de qualquer maneira [...]. Mas os exemplos levantados por López sugerem que nós deveríamos refinar mais esta premissa a embasar a leitura de algo como “humanos não podem viver depois de ver a Deus, a não ser que Deus escolha atenuar a experiência.”

56 A tensão entre vislumbrar ou não a glória de Deus precisa ser entendida à luz do “temor e tremor” do cristão diante de Javé; i.e., não se pode esquecer de que, apesar de sua compaixão e amigabilidade, ele é inatingível e implacável em sua glória. Porém, quando convida alguém a estar “na sua presença”, mormente pela intermediação do seu Mensageiro, nenhum mal lhe acontece.

57 Quisesse Jesus aniquilar João por ter contemplado a sua glória o teria feito (cf. Ap 1.17). Note-se a descrição do Cristo como “bronze polido, como que refinado numa fornalha” e que “seu rosto brilhava como o sol na sua força” (vv.15-16), bem como a sua característica mensagem angelical

Em adição, Cristo também é a “mão direita guerreira de Deus”, tal qual o Anjo era no Antigo Testamento. Estêvão, em seu martírio, viu que ele estava à destra do SENHOR: “Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé à direita de Deus” (At 7.56). Ele comprova o que Jesus mesmo dissera em Marcos 14.62, quando foi questionado se ele era “o Cristo, o Filho do Deus Bendito”, afirmando: “Eu sou, e vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu”; também Pedro: “Exaltado, pois, à direita de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, (Jesus) derramou isto que vocês estão vendo e ouvindo” (At 2.33). Moisés sustenta: “A tua mão direita, ó SENHOR, é gloriosa em poder; a tua mão direita, ó SENHOR, despedaça o inimigo” (Êx 15.6), ao que Paulo complementa: “[...] **quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança** contra os que não conhecem a Deus e contra aos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus” (2Ts 1.7-8, grifo nosso; cf. At 17.31; 2Tm 4.1; 2Co 5.10). Ainda, na descrição do *Christus Victor*, João não deixa olvidar: “Da sua boca sai uma espada afiada, **para com ela ferir as nações**. Ele mesmo as regerá com cetro de ferro e **ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso**” (Ap 19.15, grifo nosso).

Derradeiramente, a verdadeira glória de Cristo está em manifestar e executar a vontade do Pai, notadamente, no cumprimento do seu plano de salvação do mundo. Trata-se do conteúdo de João 12.23: “É chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem”, expressão cujo sentido é explicado no versículo seguinte, visto que “o grão de trigo” necessita de morrer a fim de conceder abundância de vida (cf. v.24). A voz oriunda dos céus homologa a assertiva de que a “glorificação” do Filho, leia-se, “sacrifício”, é também a glória de Deus (cf. v.28). O sangue daquele que antes habitava o Santo dos Santos, e que, em Romanos 3.25, é chamado de “propiciatório” (ἱλαστήριον⁵⁸), solidifica o entendimento de que aquela glória, prova da presença de Deus no Tabernáculo, na Aliança de Sangue,

desde os tempos antigos: “Não tenha medo” (v.17; cf. Gn 15.1). Paulo, em 2Coríntios 4.4: “[...] para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da **glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus**” (grifo nosso).

58 A NAA traz “propiciação”. Contudo, ἱλαστήριον é a tradução grega para o hebraico תְּכֵחַ לֶחֶם LXX, a tampa sagrada da Arca da Aliança.

encontrou o seu ápice e termo no corpo do Filho de Deus, o Mensageiro da sua salvação.

DA IMPORTÂNCIA DO TEMA PARA A IGREJA

Ao se cogitar os elementos de aplicabilidade desta pesquisa para o povo de Deus, vislumbra-se que a teologia do Anjo do SENHOR permanece inalterada, tendo em vista que ele continua sendo o Apóstolo cujo martírio⁵⁹ apresenta uma única Aliança de Sangue, a qual, a despeito de ser dividida entre antiga e nova⁶⁰ – por causa dos rudimentos cerimoniais e tipológicos preparativos para o Calvário – é a concretização singular da promessa de Gênesis 3.15 no evento atemporal da cruz, sendo isso capaz de atingir toda humanidade, desde Adão até a última pessoa que nascer, com sua eficácia salvífica; o “fruto” do madeiro sempre foi o alimento da vida, do “antigo” testamento à Sião celestial.

Se assim não fosse, Jesus não teria anunciado: “Vocês examinam as Escrituras, porque julgam ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim” (Jo 5.39), e alguns versículos mais tarde: “Porque, se vocês, de fato, cressem em Moisés, também creriam em mim; pois ele escreveu a meu respeito” (v.46); tudo a culminar no “está consumado” de João 19.30. Questiona-se: “o que” está consumado? Ora, a aliança estabelecida pelo Anjo com os patriarcas, com Moisés e com o povo, posta em realce na teologia sacrificial do Templo e que viu o seu antítipo na cruz. Outrossim, onde Moisés escreveu sobre o Cristo? Pensa-se sempre em Deuteronômio 18,⁶¹ mas, tal qual asseverado anteriormente, mesmo esta passagem tem correlação com a obra do Mensageiro de Javé, a quem Israel devia dar ouvidos (cf. Êx 21.23), e todas as demais manifestações do Anjo precisam ser compreendidas nesta asserção porque ele é central na história de libertação do povo de Deus (cf. Lc 24.27,44; Jo 1.45; 3.14; 8.56; At 26.22; 28.23; 1Co 10.4,9-10;⁶² Hb 11.26-29; Jd 5) e continuará sendo o seu Libertador. “Judas escreveu que *Jesus liderou um povo para*

59 I.e., o testemunho de sua morte.

60 É imprescindível a leitura de 2Coríntios 3.

61 Pedro e Estêvão aplicam esta profecia mosaica a Jesus, em Atos 3.22 e 7.37, respectivamente.

62 Paulo é claro ao reportar a presença constante de Cristo junto aos hebreus, sendo este capítulo 10 da sua primeira carta aos Coríntios base para a correta leitura dos eventos salvíficos que ocorreram no Antigo Testamento.

fora do Egito. A referência foi para o Anjo visível, que era Yahweh em forma humana, que trouxe Israel para fora do Egito e o colocou na terra prometida” (HEISER, 2021, p.274). Igualmente, “Podemos concluir que ‘Jesus’ em Judas 5 implica que o Filho é moldado em figura intermediária, cuja constituição básica é a do Anjo do Senhor” (FOSSUM, 1987, p.237); e 1Timóteo 2.5: “Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e a humanidade, Cristo Jesus, homem”.

Entretanto, o Mensageiro do SENHOR não é exclusivista, como que quisesse laborar só, todavia, utiliza-se de pessoas na condução do seu plano salvífico, tais quais Moisés e Arão no deserto; Josué, em Canaã, e os juízes, no estabelecimento das doze tribos na Terra Prometida; os discípulos, na propagação do evangelho; e, principalmente, Cristo se vale do seu Apóstolo divino, o Espírito Santo, enviado para fundar e fundamentar a igreja, fortalecendo-a e a ampliando até os confins do mundo, como fizera desde o princípio dos tempos e permanecerá a fazer até a *Parousia* (cf. At 2.17-36, com ênfase no v.33).

Hoje, Jesus envia os cristãos para serem “anjos” de Deus, “pequenos cristos” na vida dos seus concidadãos, a fim de socorrê-los em suas jornadas. Não é sem motivos que a sua igreja é chamada de “geração eleita, **sacerdócio real**, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, **a fim de proclamar as virtudes daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz**” (1Pe 2.9, grifo nosso). Os “sacerdotes do Rei” estão prontos a “oferecerem sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por meio de Jesus Cristo” (v.5), afinal, tal qual sobre o Messias, o Espírito da glória está nos cristãos (cf. 1Pe 4.14), ungidos em seu batismo (cf. At 2.38), que os torna aptos a “aspergir” a Palavra do sangue da salvação no mundo.

CONSIDERAÇÕES

Ante o exposto, é de se versar que as dezenas de referências ao Mensageiro de Javé na Escritura comprovam a sua centralidade na Teologia da Promessa.

Moisés nunca se valeu da palavra **אֱלֹהִים** para se reportar a qualquer outro indivíduo a não ser o Apóstolo do SENHOR, o próprio Javé em uma forma extraordinária de Homem-Anjo. Ora o sujeito se apresentava como

Deus, ora o Altíssimo se referia a ele como o seu “enviado” e, a notar pelos episódios em que isso acontecia, o contexto mais amplo era quase sempre o de “salvação”. Foi assim com os patriarcas, no Egito, no ermo, ou já na Terra Prometida, tornando-se o Anjo o Profeta e Guerreiro-mor de Israel na sua aflição.

Ocorre que em várias manifestações desse Oficial divino, também havia sacrifícios envolvidos. Isso aconteceu sobretudo com Abraão e Isaque, na Arca do Testemunho, com Gideão, também com Manoá e sua esposa. Conclui-se, destarte, que a “mensagem” do Anjo estava atrelada ao sangue do holocausto, a possibilitar as intervenções celestiais de Javé, com sua glória, a favor dos hebreus.

Por isso, quando se pensa em atribuir todas as características do Mensageiro a uma pessoa apenas, indubitavelmente, esta tem de ser Jesus, o Cristo; que é Deus-Homem; que porta o Nome e a Palavra de Javé; que é o Cordeiro imolado a ensejar salvação para Israel; e que manifesta a glória avassaladora do Altíssimo, visto que é o seu Apóstolo e supremo representante, tanto para libertar o seu povo quanto para destruir os inimigos da Promessa.

Por derradeiro, a doutrina de um “apostolado”, i.e., de se enviar mensageiros imbuídos de palavra autoritativa – neste caso, a do próprio Deus – é inaugurada pelo Verbo, advindo desde o Gênesis; quem suscitou profetas e apóstolos para continuarem a sua missão de anúncio das juras de libertação que provêm do SENHOR e que hoje está a cargo da igreja, esta erguida e aperfeiçoada pelo Espírito Santo.

Compete aos cristãos, conseqüentemente, a designação honrosa de “anjos” de Javé; ainda, de “filhos” do Pai, porque estão envoltos da justiça, comando e poder de Jesus, pela Palavra, desde a sua unção vocacional no batismo, fazendo-os sacerdotes do Rei, herdeiros da vida eterna e núncios do amor de Deus pela humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAND, Barbara *et al.* ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M; NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin. *Novum Testamentum Graece*. 28.ed. Stuttgart: Bibelgesellschaft, 2012. BÍBLIA. *Bíblia Grega Septuaginta*. São Paulo: Sociedade Bíblica do

Brasil, 2012.

BÍBLIA. *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo NAA: antigo e Novo Testamento*. Trad. João Ferreira de Almeida. 3.ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

BIRD, Chad. *The Christ Key: Unlocking the Centrality of Christ in the Old Testament*. Irvine: 1517 Publishing, 2021.

DORN, Douglas Van.; FOREMAN, Matt. *The Angel of the Lord: A Biblical, Historical, and Theological Study*. Dacona: Waters of Creation Publishing, 2020.

FINESTONE, Daniel. Is the Angel of Jehovah in the Old Testament the Lord Jesus Christ? *Bibliotheca Sacra*, Dallas, p.372-377, Jul-Set.1938.

FOSSUM, Jarl. Kyrios Jesus as the Angel of the Lord in Jude 5-7. *New Testament Studies*, Cambridge, v.33, p.226-243, 1987.

GIESCHEN, Charles A. The Real Presence of the Son Before Christ: Revisiting an Old Approach to Old Testament Christology. *Concordia Theological Quarterly*, Fort Wayne, v.68, n.2, p.105-126, abr.2004.

HEISER, Michael S. *The Unseen Realm: Recovering the supernatural worldview of the Bible*. Bellingham: Lexham Press, 2015.

LAMMERT, Richard A. The Word of YHWH as Theophany. *Concordia Theological Quarterly*, Fort Wayne, v.73, p.195-210, 2009.

LENSKI, Richard C. H. *The Interpretation of The Acts of the Apostles*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1961.

LÓPEZ, René A. Identifying the “Angel of the Lord” in the Book of Judges. *Bulletin for Biblical Research*, Dallas, v.20, n.1, p.1-18, 2010.

MALONE, Andrew S. Distinguishing the Angel of the Lord. *Bulletin for Biblical Research*, Dallas, v.21, n. 3, p.297-314, 2011.

RAABE, Paul R. Deliberate Ambiguity in the Psalter. *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, v.110, n. 2, p.213-227, 1991.

ROSSOW, Francis C. Dramatic Irony in the Bible – With a Difference. *Concordia Journal*, St. Louis, p.48-52, mar.1982.

SIMMERS, Gary. Who is “The Angel of the Lord”? *Faith & Mission*, Wake Forest, v.17, n.3, p.3-16, 2000.

VOGEL, H. The Angel of the Lord. *Wisconsin Lutheran Quarterly*, Mequon, v.73, n.2, p.105-118, jan.1978.